

A CATEGORIA DO SEM-MEDIDA EM HEGEL e MARX

Federico Orsini¹

Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar as transformações que a categoria de “sem-medida” (*maßlos*) experimenta na transição da *Ciência da Lógica* de Hegel para *O Capital* de Marx. A premissa metodológica de minha investigação é a ideia de que a exigência de esclarecer o método de *O Capital* traz consigo a necessidade de uma análise comparativa com o método hegeliano. A análise contém duas partes. Na primeira parte, mostrarei como o sem-medida surge nos primeiros capítulos de *O Capital*. Na segunda parte, reconstituirei a categoria de sem-medida na *Doutrina do Ser* (1832) de Hegel. Nas considerações conclusivas, apontarei três semelhanças e três diferenças entre as duas figuras do sem-medida em Hegel e em Marx. As semelhanças são: o uso de uma lógica dialética, a interação do qualitativo e do quantitativo, e o princípio da explicitação da coisa mesma. As diferenças dependem da diferença entre uma lógica sem-supostos e uma lógica peculiar do objeto peculiar.

Palavras-chave: Sem medida, mercadoria, contradição, qualitativo, quantitativo.

THE CATEGORY OF MEASURELESS IN HEGEL AND MARX

Abstract:

The aim of this article is to analyse the transformations undergone by the category of “measureless” (*maßlos*) in the transition from Hegel’s *Science of Logic* towards Marx’s *Capital*. The methodological premise of my inquiry is the idea that the explanation of the method of the *Capital* entails a comparative analysis with Hegel’s idea of method. My essay has two parts. In the first part, I will show how the measureless emerges in the first chapters of the *Capital*. In the second part, I will reconstruct the category of measureless in Hegel’s *Doctrine of Being* (1832). At the end, I will highlight three similarities and three differences between the two figures of measureless in Hegel and Marx. The similarities are: the use of a dialectical logic, the intertwinement between quality and quantity, and the principle of making explicit the subject-matter itself. The differences can be traced back to the difference between a presuppositionless logic (Hegel) and a peculiar logic of a peculiar object (Marx).

Key-words: measureless, commodity, contradiction, qualitative, quantitative.

Introdução

O objetivo do presente ensaio é examinar até que ponto a compreensão marxiana de uma categoria peculiar da *Ciência da Lógica* corresponde ou não à sua

¹ Professor Visitante de filosofia no Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Lavras (UFLA), Brasil. Pós-doutorado na Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutorado em Filosofia na Universidade de Padova (Itália) em 2014. Entre 2015 e 2018, trabalhou na primeira tradução completa da *Ciência da Lógica* de Hegel para o português. Publicou vários artigos em diversas línguas sobre a filosofia de Hegel; é autor do volume: **A Teoria Hegeliana do Silogismo. Tradução e Comentário** (2016). E-mail: platoniet@yahoo.it.

teorização hegeliana.² Precisamente, pretendo mostrar como o princípio marxiano da lógica peculiar do objeto peculiar, enunciado na *Crítica da filosofia do direito de Hegel* de 1843, funciona em relação a uma categoria interna ao desenvolvimento do conceito de mercadoria em *O Capital*, a saber, a categoria do sem-medida (*das Maßlose*). Para tanto, minha análise está articulada em duas partes e numa comparação final. Na primeira parte, mostrarei como Marx chega a empregar essa categoria da *Lógica* de Hegel nos primeiros quatro capítulos de *O Capital* para descrever uma etapa da solução da contradição da mercadoria-dinheiro. Na segunda parte, analisarei a categoria do “sem-medida” na *Doutrina do Ser* (1832) de Hegel, destacando a sua necessidade e o seu limite específico. Por fim, ressaltarei algumas semelhanças e diferenças entre a função do ‘sem-medida’ em Hegel e em Marx, trazendo algumas conclusões metodológicas sobre os modos respectivos de abordar a categoria em questão.

1. O sem-medida em O Capital

A categoria do sem-medida comparece no terceiro capítulo do *Capital* e pressupõe, portanto, o desenvolvimento progressivo da categoria elementar de mercadoria. Os primeiros três capítulos formam, conjuntamente, a primeira seção, intitulada “Mercadoria e dinheiro”. O primeiro capítulo (“A mercadoria”) apresenta a mercadoria, começando com a distinção entre valor de uso e valor de troca, para chegar a mostrar que a relação social do valor está escondida nela. Distinguindo, em seguida, entre o valor e a forma fenomênica do valor, a qual corresponde à compreensão genética do caráter meramente quantitativo do valor de troca, Marx desenvolve gradativamente a forma-valor até ela se tornar forma-dinheiro, que é a forma de equivalente universal de todas as mercadorias. O segundo capítulo (“O processo de troca”) discute as atividades econômicas dos proprietários das mercadorias no processo de troca e o modo mistificado em que essas atividades se refletem nas relações do direito. O terceiro capítulo (“O dinheiro ou a circulação de mercadorias”) analisa as três funções principais

² Deixarei de lado a questão geral da relação entre dialética marxiana e dialética hegeliana. O estudo dessa relação é um tema tão clássico quanto controverso do marxismo (ou melhor, dos marxismos). Para uma reconstrução do estado da arte e das premissas do debate do século XX, recomendo: Fineschi (2006, p.16-20). Para ulteriores indicações bibliográficas sobre o tema Hegel-Marx, remito à nota bibliográfica presente no Prefácio do presente dossiê.

do dinheiro: (i) o dinheiro como medida dos valores e padrão dos preços, (ii) o dinheiro como meio de circulação, (iii) o dinheiro como fim em si mesmo.³

Um traço explicitamente hegeliano da exposição marxiana do conceito de mercadoria é sua estrutura dialética, isto é, a passagem por contradições imanentes. Onde emerge a contradição da mercadoria? Uma passagem relevante para responder a essa questão se encontra no terceiro capítulo:

Vimos que o processo de troca das mercadorias inclui relações contraditórias e mutuamente excludentes. O desenvolvimento da mercadoria não elimina essas contradições, porém cria a forma em que elas podem se mover. Esse é, em geral, o método com que se solucionam contradições reais.⁴

Para entendermos a categoria do sem-medida, precisamos entender em que consistem essas relações contraditórias da mercadoria. De acordo com um movimento lógico que Hegel expõe na *Doutrina da Essência* (1813), a contradição vem a ser explicada a partir da oposição⁵. Portanto, a teoria marxiana reconduz a contradição da mercadoria à *oposição* (*Gegensatz*) que define o duplo caráter da mercadoria. Por um lado, a mercadoria é *valor de uso*, por causa da relação de utilidade que liga suas qualidades objetivas a necessidades humanas de algum tipo. Por outro lado, a mercadoria é *valor*, enquanto objetivação de uma determinada quantidade de trabalho humano abstrato, quer dizer, despojado daqueles caracteres que o tornam trabalho real, ou seja, finalizado à produção de valores de uso qualitativamente diferentes entre si. Como produto do trabalho abstrato, a mercadoria abstrai realmente de suas qualidades físicas e se torna materialização quantificável de simples dispêndio de trabalho abstrato. Assim, o valor é a categoria que permite a comensurabilidade das mercadorias, enquanto somente o valor pode fornecer a unidade de medida da equiparação. A equiparação é o processo de tornar iguais mercadorias com diversos valores de uso. Cada mercadoria é o que é precisamente porque, por um lado, é igual às outras, ou seja, idêntica a elas enquanto é valor. Por outro lado, ela é desigual em relação às outras, ou seja, diferente delas enquanto é valor de uso.

³ Para um comentário detalhado desses capítulos e, mais em geral, de todo o primeiro livro de *O Capital*, ver: (Iber, 2013). Para uma reconstrução da lógica de desenvolvimento do conceito de capital a partir da célula elementar da mercadoria, ver também: (Fineschi, 2001).

⁴ (Marx, 2011, p.240). A edição de referência da tradução brasileira é a quarta edição alemã (1891) do primeiro livro, considerada aquela definitiva.

⁵ Para uma análise da transição lógica da oposição para a contradição na *Doutrina da Essência* (1813), remito especialmente a: (Iber, 1990, p. 445-485); (Bordignon, 2014, p. 155-174).

Nos termos da lógica do conceito de Hegel⁶, poder-se-ia dizer que a mercadoria tem, por um lado, a qualidade de riqueza universal, enquanto pode ser comparada com todas as demais mercadorias. Por outro lado, sua universalidade está contradita pela singularidade de seu valor de uso, a saber, pelo fato de que a riqueza de um valor de uso particular exclui a equiparação com os demais valores de uso particulares.

O caráter *intrinsecamente* relacional da mercadoria significa que a relação de cada mercadoria com as outras não entra em cena sucessivamente (depois de ela ter sido produzida), mas é imanente ao próprio conceito de mercadoria e, simultaneamente, ao fato de ela vir ao mundo como mercadoria, não apenas como o produto isolado de qualquer trabalho real. Sem a relação de troca entre as mercadorias, um objeto de uso *não* é mercadoria, porque a mercadoria somente existe em vista da troca, e a troca precisa de, no mínimo, duas mercadorias. A forma-de-valor (*Wertform*), a saber, a possibilidade abstratamente universal da troca, é o modo em que a mercadoria expressa seu próprio valor, o qual, no corpo imediato da mercadoria, não encontra seu ser-aí (*Dasein*) adequado. Por conseguinte, a forma de valor precisa apresentar-se como o desenvolvimento do conteúdo da categoria inicial da mercadoria. A forma-de-valor, desdobrada até tornar-se forma-de-equivalente universal (dinheiro), é a forma fenomênica ou forma-de-aparecimento (*Erscheinungsform*) do valor enquanto valor objetivado. Através dela, põe-se em ato a relação entre valor de uso e valor, a saber, a relação entre mercadoria em forma relativa, enquanto corporificação de valor de uso, e mercadoria em forma de equivalente, enquanto corporificação de valor.

Essa relação pertence ao conceito de mercadoria como um todo e decorre de sua autodiferenciação interna. A este respeito, a primeira edição (1867) de *O Capital* dá a seguinte explicação:

Na medida em que ela [a mercadoria] equipara a outra mercadoria a si *como valor*, ela se *relaciona consigo mesma como valor*. Na medida em que ela se relaciona consigo *como valor*, simultaneamente ela se *diferencia de si mesma enquanto valor de uso*. Enquanto ela *expressa no casaco sua grandeza de valor* – e grandeza de valor é ambos, valor em geral e valor medido quantitativamente – ela dá a seu *ser-valor* [*Werthsein*] uma *forma-de-valor* [*Werthform*] diferenciada de seu ser aí imediato. Enquanto ela se apresenta

⁶ Por 'lógica do conceito' entendo aqui a organização sistemática das relações entre universal, particular e singular, tal como ela se encontra no primeiro capítulo da primeira seção da *Doutrina do Conceito* (1816) de Hegel.

assim como algo diferenciado dentro de si, pela primeira vez ela se apresenta efetivamente *como valor* – coisa útil, que, ao mesmo tempo, é valor.⁷ (tradução nossa).

Essa relação de oposição se compreende à luz da *Doutrina da Essência* 1813) de Hegel, na qual se investigam determinações relacionais do pensamento puro, a saber, o encadeamento das relações de identidade, diferença, diversidade, oposição e contradição. Dizer que a mercadoria carrega uma oposição equivale a dizer que ela só existe na medida em que se medeia com uma outra. Em termos hegelianos, a mercadoria é reflexão dentro de si na medida em que, ao mesmo tempo, é reflexão em outro.⁸ A troca realiza a mercadoria através da sua mediação com uma outra, a qual, porém, é *sua* outra, porque se define somente numa relação determinada com ela.⁹ A mercadoria existe de modo funcional como o polo positivo e o polo negativo de uma relação que articula o todo da forma-de-valor.¹⁰

A polaridade da forma-de-valor, para a qual Marx emprega, várias vezes, a palavra “oposição”, precisa desenvolver a forma de equivalente até que a oposição se torna explícita na forma do dinheiro.

Nessa altura, em cada elo do processo de troca, duas mercadorias estão numa relação de dependência recíproca. A primeira é mercadoria na forma relativa de valor, a qual é, realmente, valor de uso e, idealmente, valor. Essa mercadoria inclui ambos os polos, mas de modo que um lado dela ainda não está realizado. A polaridade inversa vale para a outra mercadoria, que se encontra na forma-de-equivalente, a qual é

⁷ Cf. (Marx, 1983, p.29). Original: “Indem sie die *andre* Waare sich als *Werth gleichsetzt*, bezieht sie sich auf sich selbst als *Werth*. Indem sie sich auf sich selbst als *Werth* bezieht, unterscheidet sie sich zugleich von sich selbst als *Gebrauchswerth*. Indem sie ihre *Werthgröße* – und *Werthgröße* ist beides, *Werth überhaupt* und quantitative *gemeßner Werth* – im *Rocke ausdrückt*, giebt sie ihrem *Werthsein* eine von ihrem unmittelbaren Dasein unterschiedne *Werthform*. Indem sie sich so als ein in sich selbst Differenzirtes darstellt, stellt sie sich erst wirklich als *Waare* dar – nütliches Ding, das zugleich *Werth* ist.”

⁸ Cf. (Hegel, 2017, p. 70-74).

⁹ Cf. (Marx, 1983, p.34): “O casaco é isso somente porque e enquanto a tela se *relaciona* com ele nessa maneira determinada. Seu *ser equivalente* é, por assim dizer, apenas uma *determinação de reflexão* da tela” (tradução nossa). Original: Er [*scil.* der *Rock*] ist dieß nur, weil und sofern sich die *Leinwand* in dieser bestimmten Weise auf ihn *bezieht*. Sein *Aequivalentsein* ist so zu sagen nur eine *Reflexionsbestimmung* der *Leinwand*”.

¹⁰ O nexos com a dialética hegeliana fica mais explícito na primeira edição de *O Capital*. Cf. (Marx, 1983, p.33): “Ambas [a saber, a forma-de-valor relativa e a forma-de-equivalente] são, de fato, apenas *momentos*, determinações reciprocamente condicionadas uma pela outra, *da mesma expressão relativa de valor*, mas repartidas à guisa de polos nas duas *mercadorias extremas* equiparadas”. (tradução nossa). Original: “Beide [*scil.* relative *Werthform* und *Aequivalentform*] sind in der That nur *Momente*, wechselseitig durch- einander bedingte Bestimmungen, *desselben relativen Werthausdrucks*, aber polarisch vertheilt auf die zwei gleichgesetzten *Waarenextreme*”.

realmente valor e apenas idealmente valor de uso, mas que, na sua definição, é essencialmente ambos.¹¹

Ambas as mercadorias são em si toda a relação, como valor de uso e como valor, mas ainda não são a relação de maneira posta ou explícita. Cada mercadoria é algo dúplice, mas tem em ato apenas um lado e o outro em potência, ao passo que a outra mercadoria (a mercadoria na forma-de-equivalente), inversamente, atualiza o lado não efetivo da outra (valor), mas tem em potência o lado efetivo da outra (valor de uso).

Cada um dos lados ou polos da relação atua uma autoexclusão. O valor de uso exclui de si a forma de equivalente como valor, mas ao mesmo tempo se exclui de si, enquanto ela é mercadoria e, logo, unidade de valor de uso e valor. Inversamente, o mesmo ocorre para a mercadoria na forma do equivalente.

A figura da autoexclusão é a contradição que gera a necessidade conceitual do infinito processo de troca das mercadorias através do dinheiro, ou seja, a realização do lado ideal delas. A contradição, portanto, não se dissolve, mas antes determina a forma de movimento do processo de troca¹².

O processo de troca apresenta-se assim: valor de uso e valor, que formam a oposição imanente da mercadoria, estão postos fenomenicamente um frente ao outro como mercadoria e dinheiro, e, ao passar um para o outro, acabam por dar à oposição interna uma forma adequada de movimento. O processo de troca contínuo, ou seja a

¹¹ Cf. (Marx, 2011, p.246-247): “Mas pelo que se troca a mercadoria? Por sua própria figura geral de valor. E pelo que se troca o ouro? Por uma figura particular de seu valor de uso. Por que o ouro se defronta com o linho como dinheiro? Porque seu preço de £2 ou a denominação monetária do linho já o coloca em relação com o ouro como dinheiro. A alienação [*Entäusserung*] da forma original da mercadoria se consuma mediante a venda [*Veräusserung*] da mercadoria, isto é, no momento em que seu valor de uso atrai efetivamente o ouro que, em seu preço, era apenas representado. Desse modo, a realização do preço ou da forma de valor apenas ideal da mercadoria é, ao mesmo tempo e inversamente, a realização do valor de uso apenas ideal do dinheiro, a conversão de mercadoria em dinheiro e, simultaneamente, de dinheiro em mercadoria. Trata-se de um processo bilateral: do polo do possuidor de mercadorias é venda; do polo do possuidor de dinheiro, compra. Ou, em outras palavras, venda é compra, e M-D é igual a D-M.”

¹² Cf. (Marx, 2011, p.240): “Vimos que o processo de troca das mercadorias inclui relações contraditórias e mutuamente excludentes. O desenvolvimento da mercadoria não elimina [*hebt ... nicht auf*] essas contradições, porém cria a forma em que elas podem se mover. Esse é, em geral, o método com que se solucionam [*lösen*] contradições reais [*wirkliche Widersprüche*]. É, por exemplo, uma contradição o fato de que um corpo seja atraído por outro e, ao mesmo tempo, afaste-se dele constantemente. A elipse é uma das formas de movimento em que essa contradição tanto se realiza [*verwirklicht*] como se resolve [*löst*].”

circulação das mercadorias por meio de dinheiro (D-M-D), é a contradição da mercadoria¹³.

O processo de duplicação da mercadoria em mercadoria e dinheiro decorre da contradição imanente da mercadoria, a saber, o fato de ela ser, ao mesmo tempo, valor de uso e valor. O desenvolvimento da contradição determina a constituição autônoma da forma-de-valor, que agora se encontra oposta à concretude do valor de uso da mercadoria: de um lado, estão as mercadorias, de outro lado, está o dinheiro como expressão do valor delas. O dinheiro é a mercadoria universal colocada à parte, ou seja, o equivalente genérico, cujo valor de uso não consiste em sua utilidade concreta, mas em sua propriedade de representar o valor de todo o mundo das mercadorias. Graças ao dinheiro, todas as mercadorias são imediatamente comensuráveis. Não se tornam comensuráveis por meio do dinheiro, pois elas já são nelas mesmas comensuráveis como valor (a saber, como quantidade de trabalho humano abstrato despendido nelas), mas elas se tornam explicitamente comensuráveis em virtude da mercadoria específica que fornece a unidade de medida do valor delas, a saber, a mercadoria dinheiro.

O dinheiro está diante do inteiro mundo das mercadorias como universalidade (forma-de-valor) que é posta ou realizada pelo processo de troca (isto é, a circulação simples: D-M-D). Nesse processo, o dinheiro encontra nas mercadorias apenas formas fenomênicas inadequadas. A passagem através delas como formas de sua particularização é, ao mesmo tempo, necessária e inadequada: necessária, porque o dinheiro se relaciona consigo positivamente como representante da riqueza, mas, ao mesmo tempo, é um negativo enquanto abstração da concretude das formas da riqueza enquanto acumulação de valores de uso; inadequada, porque a forma particular das mercadorias, através do ciclo de metamorfose delas (venda e compra), sai da própria circulação no consumo e se perde como valor de uso e, por conseguinte, também como valor. A circulação simples, a saber, a troca de mercadoria por dinheiro (venda) e a troca de dinheiro por mercadoria (compra), é insuficiente, uma vez que necessita de uma constante reposição das mercadorias que saíram da circulação por causa do

¹³ Cf. (Marx, 2011, p. 254): “A oposição [*Gegensatz*], imanente à mercadoria, entre valor de uso e valor, na forma do trabalho privado que ao mesmo tempo tem de se expressar como trabalho imediatamente social, do trabalho particular e concreto que ao mesmo tempo é tomado apenas como trabalho geral abstrato, da personificação das coisas e coisificação das pessoas – essa contradição imanente [*immanenter Widerspruch*] adquire nas oposições da metamorfose da mercadoria suas formas desenvolvidas de movimento.” (tradução modificada).

consumo. O processo de troca ainda não é por si um processo fechado ou um ciclo, mas precisa de uma base de sustentação fora de si.

A premissa para o sem-medida é que a oposição imanente na mercadoria é a relação constitutiva entre valor de uso e valor; a oposição externa é a relação entre valor de uso e valor de troca. Essa oposição conduz à primeira contradição da mercadoria, contradição que se manifesta na relação entre mercadoria e dinheiro no processo de venda e compra. A circulação simples não resolve a contradição, mas é a forma na qual a contradição pode se mover, dependendo, porém, de uma base de existência do processo contínuo de troca.

Agora, a dissolução da contradição da mercadoria passa pelo aprofundamento da contradição interna ao dinheiro. Aqui entra em cena a contradição do sem-medida, pela qual o dinheiro é, qualitativamente, riqueza universal e, quantitativamente, uma riqueza determinada. Isso quer dizer que o dinheiro põe por si, no modo de produção capitalista, a exigência de acumulação sem medida. Por um lado, o dinheiro é qualitativamente a possibilidade de ser cada e qualquer valor de uso. Por outro lado, ele é sempre quantitativamente limitado. Todavia, o dinheiro contém a tendência a ultrapassar continuamente seu limite quantitativo. A realização de sua qualidade é, portanto, a privação de medida.

A única forma possível de acumulação sem medida na circulação simples é o entesouramento, ou seja, a saída da circulação por parte do dinheiro, logo, sua impossibilidade de tornar-se riqueza (no sentido de acumulação de mercadorias). O dinheiro é riqueza em potência, mas ainda não é riqueza em ato. Na circulação simples, cada vez que a riqueza se realiza (se torna riqueza em ato), o valor de uso desaparece no consumo, e, com ele, também desaparece o valor.

Portanto, o dinheiro abriga uma relação contraditória entre a necessidade de acumulação (a saber, de manter e aumentar sua própria forma de riqueza universal) e a necessidade de realização (a saber, de transformar-se em valores de uso no processo de troca). Essa relação é contraditória, porque uma necessidade exclui a outra e, fazendo assim, exclui a si mesma, pois cada uma é, ao mesmo tempo, essencial à função do dinheiro.

A exigência de dissolução da contradição do dinheiro pode ser assim formulada: se o dinheiro deve tornar-se riqueza, acumulação de mercadorias, e aumentar seu próprio valor, então o consumo não pode determinar a saída do valor da

circulação, mas o dinheiro precisa, ao contrário, encontrar uma mercadoria cujo valor de uso não conduza ao consumo, mas à criação do próprio valor de todas as demais mercadorias. Se essa mercadoria existisse, o dinheiro seria trocado por ela e o seu consumo seria, ao mesmo tempo, a criação de novo valor.

Como se sabe, a substância de valor é o processo de objetivação de trabalho humano abstrato. Se o dinheiro encontrasse uma mercadoria cujo valor de uso é o próprio trabalho, a contradição dele estaria resolvida. Agora, essa mercadoria existe: é a força de trabalho, cujo uso é o trabalho humano abstrato enquanto substância do valor. A força de trabalho é introduzida no último parágrafo do capítulo 4 de *O Capital*.

A mercadoria ‘força de trabalho’ dissolve a contradição também do lado do valor de uso. O consumo faz com que a riqueza material saia da circulação e, portanto, necessite ser reintroduzida a partir de fora. Mas, se o dinheiro compra a força de trabalho, cujo uso é o trabalho, o problema da extinção do valor de uso está resolvido. O trabalho é a apropriação dos materiais da natureza numa forma que os torna utilizáveis para as necessidades vitais, então o trabalho é produção de riqueza material, produção de valores de uso.

A dissolução da contradição do dinheiro inclui a própria produção de valor como momento essencial de uma forma de movimento que não tem pressuposições externas. Através disso, a apresentação científica gera uma nova categoria – ou melhor, a apresentação progride enquanto fundamenta regressivamente a categoria inicial da mercadoria –, a categoria do valor que se conserva valorizando a si mesmo: o capital.

Enquanto autoexpansão do valor, o capital foi deduzido a partir da contradição do dinheiro, contradição cuja dissolução exige a transformação do processo de trabalho em geral num momento do capital: transformação do trabalho em trabalho abstrato. Apenas na forma da subsunção da força de trabalho sob o capital a circulação das mercadorias pode assumir a forma de um processo e garantir a acumulação sem-medida do dinheiro.

Resumindo, a categoria marxiana do sem-medida expressa, por um lado, a terceira determinação do dinheiro, ou seja, o dinheiro enquanto tal ou dinheiro enquanto fim em si mesmo. Por outro lado, o sem-medida aponta um limite do dinheiro na circulação simples (D-M-D) – esse limite é o entesouramento como fim ou bloqueio da circulação do dinheiro – um limite que pode ser superado através da transformação do dinheiro em capital (D-M-D’). Essa transformação, que constitui o tema da segunda

seção (capítulo 4) de *O Capital*, precisa da compra e da venda de força de trabalho e, com isso, sua apresentação requer a transição da esfera da circulação simples para a esfera da produção, caracterizada pela relação de exploração entre o possuidor de dinheiro e o possuidor de força de trabalho.

2. *O sem-medida na Doutrina do Ser (1832)*

A categoria do “sem-medida” (*das Maßlose*) é a sexta etapa¹⁴ da lógica da medida, que constitui a última macro-esfera categorial da lógica do ser. Contudo, a determinidade lógica do “sem-medida” não é mais uma determinidade da medida, mas sim uma determinidade que, contraditoriamente, se dissolve como determinidade (pelo menos, como determinidade do ser) e, com isso, prepara a passagem da esfera do ser para a esfera da essência.

O desenvolvimento da medida na terceira seção pode ser articulado em duas partes. A primeira parte começa com a definição formal da medida como unidade imediata de determinação qualitativa e quantitativa e conduz para a unidade concreta, que é alcançada pela determinidade de medida descrita pela “linha nodal de relações de medida”. A “linha nodal” ocupa exatamente o meio da série categorial da medida (segundo capítulo, sub-seção B).

Na segunda parte, o processo lógico avança para a dissolução da medida e, com isso, para a dissolução da *esfera* do ser (isto é, o ser como o todo das suas categorias). O “sem-medida” é a sexta determinidade da medida e, simultaneamente, a primeira determinidade da sua dissolução.

A determinação geral do sem-medida é de ser privação da medida. Do ponto de vista lógico, o sem-medida está numa relação de oposição com aquilo que tem medida.¹⁵

O sem-medida não é apenas aquilo que não tem medida, mas sim o que *carece* essencialmente de medida. Enquanto negação da medida, o sem-medida exclui

¹⁴ As etapas da lógica da medida são numeradas conforme as articulações dos três capítulos que compõem a seção. No total, a lógica da medida tem nove etapas principais, das quais as últimas quatro constituem a dissolução da medida e a gênese lógica da essência.

¹⁵ Desde Aristóteles, a privação é caracterizada como uma das quatro formas de oposição: 1. contradição, 2. contrariedade, 3. relação, 4. privação. Cf. *Metaph.* Livro V (Delta), 10, 1018 a 20 ss.; *Categ.*, 10, 11 b 17 ss.; *Metaph.* Livro X (Iota), 3-4. A novidade hegeliana consiste em explicitar o movimento de pensamento que conduz da privação para a contradição.

de si a medida, mas, ao mesmo tempo, relaciona-se à medida como a uma determinidade que ele pode assumir. O sem-medida é o não-ser da medida, mas, posto que a medida real é a qualidade de algo, de uma coisa autossubsistente, o sem-medida é inerente a algo comum que ele compartilha com a medida e do qual ele nega uma qualidade.

Por ser uma privação, o sem-medida não é mera negação de algo, mas negação da medida inerente a algo. Dado que o sem-medida é a negação da medida que algo pode ou deve poder assumir, o sem-medida pressupõe a determinação da medida, mas, ao mesmo tempo, a nega.

O ponto de partida é a “medida excludente”, ou seja, um conjunto de relações de medida que se contrapõem à outras qualitativamente distintas. A diferença qualitativa entre as medidas autossubsistentes está inserida num sistema de relações negativas (exclusões) que definem quantitativamente o lugar de cada elemento por meio de suas propriedades combinatórias. A relação excludente “permanece afetada pelo momento do ser-aí quantitativo”, através do qual “algo [...] é “impulsionado para além de si, para o *sem-medida*”¹⁶. A primeira determinação do sem-medida é o ser-aí quantitativo que afeta a medida. O uso do verbo ‘afetar’ (*behaften*) é relevante, porque implica que a medida, por ser uma relação complexa do qualitativo e do quantitativo, está exposta à dissolução da sua qualidade (o limite aquém e além do qual o real não pode ser o que é) por causa do quantitativo: “A grandeza é a constituição na qual um ser-aí, com a aparência de não sofrer prejuízo, pode ser capturado e pela qual pode ser destruído”¹⁷. O germe da contradição está nisto: a medida contém um momento que constitui, ao mesmo tempo, a conversão no seu não-ser, o sem-medida.

A contradição dissolve-se pelo reconhecimento de que o ser-aí quantitativo é apenas um momento da medida, mas não constitui seu princípio de especificação. Enquanto é tal princípio, a medida é relação qualitativa excludente e, portanto, também indiferente frente à alteração quantitativa.

Hegel oferece três diversas determinações do sem-medida, através das quais o sem-medida determina *progressivamente* a privação de medida no sentido da *Aufhebung* da medida: (i) o sem-medida abstrato, (ii) o sem-medida relativo, (iii) o sem-medida infinito.

¹⁶ (Hegel, 2016, p. 400).

¹⁷ (Hegel, 2016, p. 400).

A primeira determinação é o sem-medida abstrato: o “quantum em geral”. Tomado separadamente, o quantum não é medida, mas antes “sem-determinação dentro de si” e “determinidade apenas indiferente”¹⁸, ou seja, uma determinidade que admite uma alteração (aumentar ou diminuir) de algo sem mudar suas relações de medida.

No entanto, a linha nodal das medidas tinha mostrado que o quantum mesmo se converte em qualidade. Com isso, a determinidade quantitativa “se suprassume até tornar-se determinidade qualitativa”¹⁹ e a “primeira relação” passa para “a nova relação de medida”. Com isso resulta a segunda determinação dos sem-medida: uma outra medida que surgiu da exterioridade do quantum. A nova medida é “um sem-medida com respeito”²⁰ à primeira medida. O sem-medida para o qual a medida passa por causa da sua determinidade quantitativa não é apenas um quantum em geral, um quantum que não é por si medida alguma, mas antes uma outra medida, para a qual a primeira medida passa.

Em relação à primeira medida, a nova medida é o sem-medida ou a sua privação, porque ela, ao relacionar-se consigo (“qualidade que é para si”), exclui de si a medida anterior. Contudo, a segunda determinação do sem-medida não é estável, porque a nova relação de medida é novamente afetada pelo momento do ser-aí quantitativo, através do qual ela é impulsionada para uma nova medida como seu sem-medida “e assim por diante para o *infinito*”. A progressão mostra que os sem-medidas da medida correspondente são, decerto, privações, mas não apresentam o sem-medida da medida enquanto tal. Os sem-medidas são apenas privações das medidas dadas, mas, por sua vez, são medidas. O movimento da linha nodal é a reprodução, dentro da medida, da estrutura lógica do progresso infinito, em que cada quantum remete a um além.

A terceira determinação do sem-medida é o sem-medida enquanto “*infinito* que é para si”²¹. A série infinita do sem-medida constitui uma “alternância de existências específicas uma com a outra e das mesmas igualmente com relações que permanecem meramente quantitativas”²². Disso se segue a análise daquilo que “está presente” nessa alternância. O progresso infinito do sem-medida consiste (i) na

¹⁸ (Hegel, 2016, p. 400).

¹⁹ (Hegel, 2016, p. 400).

²⁰ (Hegel, 2016, p. 400).

²¹ (Hegel, 2016, p. 400).

²² (Hegel, 2016, p. 400).

progressão puramente quantitativa (isto é, a “a negação das relações específicas”²³) e (ii) no suprassumir dessa progressão quantitativa numa nova qualidade (isto é, a “negação da própria progressão quantitativa”²⁴). A alternância é a negação recíproca da independência dos dois momentos do sem-medida, e assim surge o “*infinito que é para si*”.

Enquanto infinito para si, o sem-medida tem a determinação de negar não apenas esta ou aquela medida, mas a medida enquanto tal. Com isso se alcança a determinação do sem-medida como privação da medida. O sem-medida abstrato e o sem-medida como outra medida eram ainda determinações da medida. O sem-medida como infinito sendo para si não é mais determinidade positiva da medida, mas sim determinidade da sua dissolução. A lógica da qualidade e a lógica da quantidade já mostraram duas concepções do infinito, que a linha nodal apresentou em modalidade de revezamento. Na linha nodal das relações de medida o infinito se mostra em dois modos: como infinitude qualitativa e quantitativa, mas ainda não como sendo para si.

O infinito *qualitativo* mostra-se nas relações finitas de medida como *salto* imediato de uma qualidade para outra, ou seja, como “irromper do infinito no finito, como passagem *mediata* e desaparecer do aquém em seu além”.²⁵

O infinito do finito é, novamente, uma relação finita de medida, que possui autossubsistência qualitativa e, com isso, tem ser para si. O momento da infinitude consiste no emergir da nova medida, no salto imediato de uma qualidade para outra. Nessa ausência de mediação o salto é precisamente o oposto do ser para si mediado dentro de si.

O infinito quantitativo mostra-se na “*continuidade* do quantum”, a qual ultrapassa indefinidamente (indiferente a toda qualidade) todo quantum finito, sem refletir-se em si mesma no próprio finito. O infinito *quantitativo* também não é para si, porque o finito quantitativo, ao invés de ser relação consigo, “*aponta para além de si*”²⁶. O infinito do quantum consiste apenas no assim chamado mau infinito do progresso infinito.

Na caracterização do sem-medida como infinito que é para si reside a unificação da infinitude (a continuação além do finito) e o ser para si (ser junto de si no

²³ (Hegel, 2016, p. 400).

²⁴ (Hegel, 2016, p. 400).

²⁵ (Hegel, 2016, p. 400).

²⁶ (Hegel, 2016, p. 400).

outro). A infinitude do sem-medida deve ser infinita para si, isto é, a infinitude não pode consistir nem no salto imediato de uma qualidade para outra (negação do progresso quantitativo), nem no progresso quantitativo (negação da relação específica), ou seja, no progresso infinito do sem-medida, mas a infinitude do sem-medida deve ser infinita para si porque se relaciona consigo na negação do finito qualitativo (o finito quantitativo) e na negação do finito quantitativo (finito qualitativo), isto é, na negação da negação do finito qualitativo. A infinitude sendo para si do sem-medida consiste num ser que se relaciona consigo no progresso infinito.

A negação da progressão quantitativa resulta numa nova relação específica de medida, e a partir da negação da relação específica resulta a progressão quantitativa. O infinito sendo para si surge através do igualamento recíproco das negações no progresso infinito do sem-medida. Quando ambas as negações não podem ser mais separadas uma da outra, a negação da relação específica é imediatamente a negação da progressão quantitativa, e, vice-versa, a negação da progressão quantitativa é a negação da relação específica.

O resultado é o seguinte: (i) negação da negação do finito qualitativo, (ii) negação da negação do finito quantitativo. O infinito sendo para si é descrito como segue:

Mas essa infinitude da especificação da medida põe tanto o qualitativo como o quantitativo como tais que se *suprassumem* uma para dentro do outro e, com isso, põe a unidade primeira, *imediata*, dos mesmos, a qual é a medida em geral, como tal que retornou para dentro de si e, portanto, como, ela mesma, *posta*.²⁷

O processo do suprassumir-se do qualitativo e do quantitativo um no outro é o progresso infinito do sem-medida. Enquanto o qualitativo e o quantitativo resultam suprassumir-se um no outro nesse progresso, ambos vêm a ser postos pela infinitude da especificação da medida como negação da sua negação respectiva. Portanto, no seu resultado, ou seja, no progresso do sem-medida (o converter-se do qualitativo no quantitativo um no outro), a infinitude da especificação da medida é uma relação mediada consigo mesma.

O infinito sendo para si é descrito como uma unidade autorrelacional de relações de medida:

²⁷ (Hegel, 2016, p. 400-401) (tradução modificada).

O qualitativo, uma existência específica, passa para uma outra de modo que ocorre apenas uma alteração da determinidade quantitativa de uma relação; a alteração do próprio qualitativo no qualitativo está posta, com isso, como uma alteração externa e indiferente e como um *ir junto consigo mesmo*²⁸.

Pode-se perguntar em que consiste a novidade desse processo lógico em relação à conversão da quantidade na qualidade que caracterizava a linha nodal, pois a passagem de “uma existência específica” para outra através de uma alteração quantitativa já constituía o cerne da linha nodal. A novidade está na afirmação de que a alteração qualitativa “está posta [...] como um *ir junto consigo mesmo (Zusammengehen mit sich selbst)*”. O argumento é o seguinte: dado que a diferença de uma qualidade em relação à outra é uma diferença apenas externa do quantum, a alteração de uma qualidade para outra é somente um juntar-se consigo mesmo. Se uma alteração se junta consigo, então ela se altera no sentido de deixar de ser alteração. A alteração da qualidade, enquanto se realiza mediante a alteração quantitativa, é uma alteração que deixa de ser a alteração que ela é, ou seja, deixa de ser passagem para outro.

No caso da alteração da qualidade que se reúne consigo mesmo, o aspecto segundo o qual a alteração da qualidade constitui a unidade daquilo que se altera é a capacidade de continuar-se ou permanecer igual a si mesmo através de toda alteração de qualidade.

As razões para a identidade consigo da alteração da qualidade são duas: (i) a alteração da qualidade é alteração de si ou alteração que se relaciona consigo; (ii) o termo da mudança ou alteração não está separado da alteração, mas é a própria capacidade de alterar-se. Essa ‘capacidade’ é a essência daquilo que se altera.

A supressão da alteração qualitativa numa qualidade que é o “ser determinado em si e para si” (o ser que muda permanecendo junto de si mesmo em toda alteração) configura uma situação lógica distinta de todas as determinações anteriores da medida. Até agora, a alteração de uma medida ou de uma qualidade conduzia sempre para uma outra relação de medida ou para uma outra qualidade. Através da medida, algo se diferenciava qualitativamente de outro. Agora, se a alteração da qualidade está determinada de tal modo que ela se junta consigo (como alteração de si), então a determinidade de medida do ente está supressa. No lugar de determinidades de

²⁸ (Hegel, 2016, p. 401).

medida entra o processo do sem-medida como privação de medida, processo em que as diferenças qualitativas da medida estão suprassumidas (ou seja, reduzidas a momentos de uma ser determinado em si e para si).

No progresso infinito do sem-medida (alteração quantitativa e qualitativa) aquilo que se altera permanece, ao mesmo tempo, idêntico a si, relacionando-se consigo no outro.

O ser para si é o infinito, porque inclui o ser-outro e se relaciona consigo no outro. O infinito e o ser para si estão unidos, pois o infinito não é nem o outro qualitativo do finito nem o processo meramente quantitativo, e tampouco o ser para si é um ser que constitui sua autossubsistência por meio da exclusão de outro ser.

O infinito sendo para si é a “unidade que se continua na sua mudança de medidas dentro de si mesma”, e essa se denomina “a *matéria (Materie)*, a *Coisa (Sache)* que verdadeiramente permanece subsistindo, autossubsistente”²⁹.

Ao longo da lógica do ser, Hegel emprega o conceito de matéria segundo significações distintas e cada vez mais complexas. Na lógica do ser, a matéria é tratada: (i) como unidade de atração e repulsão, de acordo com os princípios da física racional de Kant³⁰; (ii) como pura quantidade, conforme uma concepção do jovem Leibniz³¹; (iii) como unidade que se perpetua na alternância das medidas. O conceito meramente quantitativo de matéria é uma determinação insuficiente daquilo que a matéria é efetivamente de acordo com seu conceito. Somente no contexto do sem-medida enquanto infinito sendo para si a matéria se torna explicitamente um conceito, ou seja, uma unidade de determinações contrapostas. A matéria não é nem mera substância extensa (quantitativa) nem processo de qualidades opostas, mas é, aristotelicamente, substrato unitário, algo que subjaz aos opostos e que permanece indiferente a todas as alterações (quantitativas e qualitativas)³².

²⁹ (Hegel, 2016, p. 401).

³⁰ (Hegel, 2016, 185-ss).

³¹ (Hegel, 2016, p. 200). A referência de Hegel à dissertação de Leibniz de 1663 não deve fazer nos esquecer de que, numa fase mais avançada do projeto de fundamentação metafísica da nova física, Leibniz defende, contra Descartes, uma concepção dinâmica da matéria, à qual são atribuídas forças que explicam as propriedades essenciais da repulsão ou resistência e da atração. O lugar do confronto da *Ciência da Lógica* com essa concepção será, então, a *Doutrina da essência*, precisamente o capítulo sobre a relação essencial da força e da sua externalização.

³² A relação do substrato hegeliano com a física aristotélica foi sublinhada por Moretto, o qual argumenta que a lógica do sem-medida apresenta uma “reinterpretação matemática da doutrina aristotélica do devir: o grafo da função ou da relação é o meio auxiliar para apresentar os pares opostos, e, em determinado aspecto, o substrato é a função mesma, que de modo global representa o

O que está presente no conceito de matéria é “uma e a mesma Coisa que está posta como base em suas diferenciações e como perene”. O “sentido do processo”, isto é, do progresso infinito do sem-medida, é “apenas o *ser-aí*, o *mostrar* ou *pôr* de que ao mesmo [processo] subjaz um tal substrato que é a unidade eles [do qualitativo e do quantitativo].”³³ Aquilo que se mantém na alteração constante das medidas como indiferente não é mais uma medida, e sim a matéria como substrato de todas as medidas. Assim o sem-medida indica a primeira categoria que não está submetida ao passar, mas antes fundamenta ou subjaz ao passar. Grifando a expressão “*pôr*”, Hegel quer enfatizar que o sem-medida torna explícita uma determinação implícita na medida, ou seja, a relação entre a singularidade (a relação de medida) e seu pano de fundo.

A infinitude do sem-medida, que no outro, no progresso infinito do sem-medida, se junta consigo, não significa a simples eliminação das determinidades qualitativas. O sem-medida não é mero não-ser (ausência de determinidades). Tampouco a determinidade do sem-medida fica restrita ao quantitativo. Pelo contrário, vale o seguinte:

Agora, tais relações [as relações autossubsistentes e excludentes de medida] estão determinadas apenas como nós [*Knoten*] de um e do mesmo substrato. Com isso, as medidas e as autossubsistências postas com elas estão rebaixadas a estados [*Zustände*]. A alteração [*Veränderung*] é apenas alteração [*Änderung*] de um estado, e *aquilo que passa* [*das Übergehende*] está posto como tal que nela [na alteração] permanece o mesmo³⁴.

182

No processo do sem-medida as determinidades não são mais determinidades de medidas autossubsistentes. as determinidades em questão são, doravante, sempre determinidades negadas, isto é, momentos ou determinidades postas como

fenômeno”. (Moretto, 2002, p. 92) (tradução nossa). Embora a matemática seja importante para destacar o caráter relacional do substrato, cabe dizer que a lógica do substrato não é determinada pela concepção moderna da natureza, mas sim, a rigor, pela *lógica* da medida, ou seja, pela explicitação do conteúdo implícito no próprio conceito de medida. Embora as categorias da medida possam ser ilustradas por diversos fenômenos da natureza – os exemplos de Hegel são o calor, o peso específico e a combinação dos materiais químicos –, esses são *exemplos* de categorias que são derivadas segundo uma necessidade independente da observação da natureza. Essa abordagem imanente é defendida por (Houlgate, 2014).

³³ (Hegel, 2016, p. 401) (tradução modificada).

³⁴ (Hegel, 2016, p. 402) (tradução modificada). É impossível reproduzir em português a distinção entre *Veränderung* e *Änderung* mantendo, ao mesmo tempo, a raiz linguística de um mesmo termo. Embora no alemão comum os dois termos possam ser usados como sinônimos, Hegel quer explorar as nuances da sua língua nativa para exprimir uma distinção conceitual entre uma alteração que muda por inteiro o ser de algo, transformando-o no ser de outro algo, e uma alteração que muda o estado ou modo de ser de algo, sem afetar a identidade consigo desse algo. Se quiséssemos utilizar as categorias reflexivas da essência, poderíamos dizer que a *Veränderung* é uma alteração essencial, enquanto que a *Änderung* é uma alteração acidental ou uma simples modificação.

evanescentes. Portanto, o sem-medida contém determinidades e diferenças, mas de tal modo que essas têm o modo de ser do desaparecer. As medidas deixam de ser realidades independentes e se reduzem a “estados”, ou seja, a momentos de um substrato, que “permanece *o mesmo*” na alteração.

Por fim, Hegel recapitula a “determinação progressiva que a medida percorreu”. A fundamentação regressiva da medida no sem-medida mostra que o caráter da medida consiste essencialmente na sua não-autossustentação, na sua determinação como momento de uma conexão superior de relações, que constituem a esfera da essência.

Já na introdução à seção sobre a medida Hegel afirma que “na medida já está a ideia da *essência*”³⁵. O sem-medida é a penúltima determinidade da medida e, ao mesmo tempo, o início da dissolução de toda determinidade de medida. Por conseguinte, no sem-medida já precisa estar contida implicitamente a transição para a essência.

A essência significa reflexão, cuja estrutura se determina como relação negativa consigo. É a determinação da reflexão que está contida no processo do sem-medida e que diferencia o sem-medida da medida. O processo do sem-medida é caracterizado pela suprassunção da alteração qualitativa, porque essa é um reunir-se consigo na relação com outra alteração qualitativa. Nessa “mediação *consigo*”³⁶ se dá a conhecer a reflexão enquanto relação negativa consigo³⁷: no ir junto consigo mesmo no outro se suprassume a alteração qualitativa. Através da reflexão das determinidades de medida, a medida vem a ser negada como uma realidade independente que se distingue de outras relações de medida.

No entanto, a reflexão das determinidades é apenas inicial, pois tem como base um substrato, o qual, certamente, é a unidade das determinidades refletidas, mas não é, ele mesmo, reflexão, e sim algo que conserva o aspecto de imediatidade própria à esfera do ser. Hegel exprime o limite do substrato de modo seguinte:

Mas o princípio especificante ainda não é o conceito livre, o qual unicamente dá determinação imanente a suas diferenças, mas o princípio é inicialmente

³⁵ (Hegel, 2016, p. 352).

³⁶ (Hegel, 2016, p. 352).

³⁷ Kervégan afirma que “existe uma correlação entre a medida e a efetividade. A teoria da medida e da efetividade discutem a mesma questão: podemos pensar o real em sua singularidade sem nos referirmos a um plano de fundo ou a um fundo metafísico?” (Kervégan, 2008, p. 85).

apenas substrato, uma matéria, para cujas diferenças, a fim de serem como totalidades, isto é, de terem dentro de si a natureza do substrato que permanece igual a si mesmo, está presente apenas a determinação quantitativa externa, que se mostra, ao mesmo tempo, como diversidade da qualidade.³⁸

A prova de que o substrato pode ser pensado somente como essência ou reflexão constitui a passagem do ser para a essência. Apesar do seu legado físico e metafísico, a expressão “substrato” não designa um ente pressuposto = X ao qual se aplicam desde fora operações subjetivas de medição³⁹, mas antes, enquanto terceira significação do sem-medida, designa um processo constitutivo das determinidades qualitativas e quantitativas. Em seu “conceito livre”, a matéria é negatividade, um movimento infinito de produção de diferenças reais; porém, enquanto esse princípio é “inicialmente apenas substrato”, as diferenças se apresentam como modificações de uma base que se conserva idêntica a si mesma debaixo de suas variações.

À guisa de conclusão: comparação entre as duas lógicas do sem-medida

A comparação entre *O Capital* e a *Lógica* permite apreciar semelhanças e diferenças. Começamos com as semelhanças. Em primeiro lugar, Marx quer retomar o princípio hegeliano da *Auslegung der Sache Selbst*, ou seja, quer explicitar a lógica processual da própria realidade. Marx compartilha com Hegel a ideia de que a ciência é uma reconstrução racional da realidade (ou, pelo menos, de um domínio dado da realidade) e que a ordem categorial dessa reconstrução não coincide com a ordem dos acontecimentos na história ou como a ordem de apreensão empírica de fatos. A apresentação (*Darstellung*) teórica não é apenas uma maneira de classificar os resultados da pesquisa, mas um método reconstrutivo pelo qual a própria teoria desenvolve a si mesma através de seus diferentes níveis e suas diferentes categorias em direção à compreensão adequada do seu conteúdo. No caso de *O Capital*, a *Darstellung* é uma “progressão sistemática de categorias sócio-econômicas que reconstroem no

³⁸ (Hegel, 2016, p. 402).

³⁹ Sob esse aspecto, discordo da interpretação pragmatista de Stekeler-Weithofer, segundo o qual as categorias da medida real mostram que o conceito da objetividade do mundo “depende conceitualmente da práxis bem-sucedida do medir com base em medidas apropriadas. Nas invariâncias das medições se mostra a essência do mundo” (Stekeler-Weithofer, 2018, p. 267) (tradução nossa). Original: “der Begriff des Objektiven von der erfolgreichen Praxis des Messens auf der Basis geeigneter Maße begrifflich abhängt. In den Invarianzen der Messungen zeigt sich das Wesen der Welt”.

pensamento o modo capitalista de produção⁴⁰. Os primeiros quatro capítulos do primeiro livro progridem da categoria da mercadoria para a categoria do capital.

Em segundo lugar, o sem-medida marxiano, enquanto privação de medida, remete aos constituintes da categoria hegeliana da medida: o momento qualitativo (a identidade imediata da determinidade e do ser da coisa) e o momento quantitativo (a determinação indiferente, que muda sem mudar, até certo ponto, a identidade do determinado). O momento qualitativo corresponderia ao valor de uso, enquanto que o momento quantitativo corresponderia ao valor de troca, embora ambos remitam a algo mais fundamental, que é a substância do valor: o trabalho humano abstrato.

Em terceiro lugar, tanto o sem-medida marxiano como aquele hegeliano são categorias móveis, no sentido de serem resultados de um movimento lógico e germes de um movimento ulterior. A forma que articula esse movimento é a contradição, a qual, longe de ser eliminada, é o princípio que impulsiona a ordem das categorias, das mais simples para as mais complexas.

Apesar dessas semelhanças, cabe frisar três diferenças relevantes entre os dois métodos dialéticos.

Em primeiro lugar, o sem-medida hegeliano é uma categoria de uma lógica ontológica de tipo processual, ou seja, não é uma classificação de regiões reais do ser, mas uma reconstrução do processo de constituição do significado ou da inteligibilidade do ser enquanto ideia (unidade de subjetividade e objetividade). O sem-medida é uma categoria do pensar puro e, simultaneamente, do ser enquanto ser pensado⁴¹, ao passo que a lógica do sem-medida marxiano é uma lógica peculiar daquele objeto peculiar que é o capital como modo de produção de uma formação social peculiar. Hegel elabora uma lógica puramente autodesenvolvimental dos conteúdos objetivos do pensamento, transversais à distinção entre natureza e espírito, ao passo que Marx mantém firme um mundo real (natural e histórico) cuja existência é independente do pensamento. A dialética de Hegel desenvolve categorias puras, ou seja, sem substratos prévios, ao

⁴⁰ (Smith, 1993, p. 20) (tradução nossa).

⁴¹ Sobre a abordagem lógico-ontológica da medida, ver (Houlgate, 2014, p. 136): “Ela [a lógica] determina-nos a *pensar* sobre as medidas de certas maneiras (embora tal pensar precise de tempo e de história para tornar-se plenamente explícito), e também determina que *haja* certas medidas no mundo” (tradução nossa). Original: “It [the logic] determines us to *think* about measures in certain ways (though such thought needs time and history to become fully explicit), and it also determines there to *be* certain measures in the world.”

passo que a dialética de Marx é um método cujo ponto de partida é a categoria de mercadoria, que pressupõe um mundo dado e historicamente determinado.⁴²

Em segundo lugar, a ordem categorial de *O Capital* não forma alguma correspondência mecânica (um a um) com as categorias da *Lógica*. A prova disso é que não é possível compreender o sem-medida marxiano sem compreender como a oposição interna da mercadoria (a categoria elementar de *O Capital*) se desenvolve até o dinheiro com a sua contradição. De fato, o sem-medida marxiano não é considerado em si e para si, mas apenas como aspecto dependente da relação entre a essência (o valor) e o fenômeno (o dinheiro como forma-de-valor) em que ela tem de aparecer. Ao contrário, em Hegel a compreensão do sem-medida não pressupõe a compreensão das determinações reflexivas da essência (oposição e contradição, essência e fenômeno), mas sim o desenvolvimento interno da própria categoria de medida. Embora o sem-medida contenha uma contradição implícita peculiar, a contradição enquanto tal não resulta aí tematizada, porque a sua explicitação *resulta* da transição da lógica do ser para a lógica da essência.⁴³

Em terceiro lugar, o sem-medida marxiano é o modo de ser de um processo histórico-social (o capital) que é fim em si mesmo, no sentido de que seu fim não é algum conteúdo determinado (seja ele anterior ou posterior à sua gênese histórica), mas a reposição de seus próprios pressupostos de funcionamento (a separação entre trabalho vivo e meios de produção e a acumulação do dinheiro). O sem-medida hegeliano está integrado a um processo de dissolução da esfera do ser (qualidade-quantidade-medida) e, simultaneamente, de automeiação do ser consigo mesmo (essência). Embora esse processo já seja implicitamente o conceito e carregue a sua finalidade intrínseca, o sem-medida não é capaz de expressar a finalidade interna e tampouco requer o conceito de um processo conforme a fins para que a sua lógica interna se torne manifesta. Sob este

⁴² Aqui cabe deixar de lado a questão complexa de como em Hegel o elemento empírico e o elemento histórico determinado entra na determinação do desenvolvimento do conceito.

⁴³ A afinidade estrutural da contradição da mercadoria com o desenvolvimento da oposição para a contradição na *Doutrina da Essência* (1813) da *Ciência da Lógica* foi analisada em: (Fineschi, 2006, p.146-153. O autor defende a tese de que entre o capital (Marx) e o conceito (Hegel) não existe uma omologia – como, ao contrário, é defendido por Christopher Arthur, outro integrante do *International Symposium on Marxian Theory* – mas apenas algumas analogias. O ponto decisivo da analogia é a processualidade: “O capital pôs-se como processo que põe seus próprios pressupostos, ele é doravante sujeito do processo; è o valor que permanece junto de si na sua passagem para outro. A modalidade pela qual o dinheiro como terceira determinação precisa tornar-se processo é definida como necessária enquanto contraditória”. (Fineschi 2006, p. 153) (tradução nossa).

aspecto, a lógica do sem-medida hegeliano carrega menos pressupostos do que a lógica do sem-medida marxiano, que pressupõe a existência de um mundo histórico peculiar, a esfera da circulação simples e a relação de mútua utilidade de suas *dramatis personae* (o possuidor de dinheiro e o trabalhador livre).

REFERÊNCIAS:

BORDIGNON, M. **Ai limiti della verità. Il problema della contraddizione nella logica di Hegel.** ETS Pisa, 2014.

FINESCHI, R. **Ripartire da Marx. Processo storico ed economia politica nella teoria del ‘Capitale’.** Napoli: Città del sole, 2001.

FINESCHI, R. **Marx e Hegel. Contributi per una rilettura.** Roma: Carocci, 2006.

HEGEL, G.W.F. **Ciência da Lógica. 1. A doutrina do ser.** Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2016. Tradução de C.Iber, M.L. Miranda, F.Orsini.

HEGEL, G.W.F. **Ciência da Lógica. 2. A doutrina da essência.** Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2017. Tradução de C.Iber, F.Orsini.

HOULGATE, S. **The Logic of Measure in Hegel’s Science of Logic.** In: *International Yearbook of German Idealism*, De Gruyter, v. 12, 2014, p.115-138.

IBER, C. **Metaphysik absoluter Relationalität. Eine Studie der ersten beiden Kapiteln der Wesenslogik.** De Gruyter Berlin, 1990.

IBER, C. **Elementos da teoria marxiana do capitalismo. Um comentário sobre o livro I de O Capital de Karl Marx.** Porto Alegre: Editora Fi, 2013.

KERVÉGAN, J.F. **Hegel e o hegelianismo.** São Paulo: Edições Loyola, 2008. Tradução de Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha.

MARX, K. **Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1867 (1867):** MEGA II.5. Berlin: Dietz, 1983.

MARX, K. **O Capital. Crítica da Economia Política. Livro I.** São Paulo: Boitempo, 2011 (edição digital).

MORETTO, A. **Die Hegelsche Auffassung des Maßes in der Wissenschaft der Logik gemäß der Lehre vom Sein von 1832.** In: Koch, A. F./Schick, F. (Hg.): **G.W.F. Hegel: Wissenschaft der Logik.** Berlin: Akademie Verlag, pp. 75–97.

SMITH, T. *Marx's Capital and Hegelian Dialectical Logic*. In: Moseley, F. (Ed.) *Marx's Method in Capital. A Reexamination*. New Jersey: Humanities Press, 1993, p. 15-36.

STEKELER-WEITHOFER, P. *Das Sein. Dritter Abschnitt. Das Maass*. In: Quante, M./ Mooren, N. (Hg.), *Kommentar zu Hegels Wissenschaft der Logik*. Hegel-Studien, Beiheft 67. Hamburg: Felix Meiner, p.219-273.